

editora **barça**

Um conto de **Renata Melo**



*Algo
Real*

Algo
Real

© Renata Melo 2021

Produção editorial: Vanessa Pedroso
Revisão: Editora Buqui
Imagem da capa: Otter Designs (Shutterstock)
Design da Capa: Nathalia B. Ceconello
Editoração: Nathalia B. Ceconello

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

M486a Melo, Renata
Algo real [recurso eletrônico] / Renata Melo.
1. ed. - Porto Alegre [RS] : Buqui, 2021.
recurso digital
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-65-86118-84-1 (recurso eletrônico)
1. Ficção brasileira. 2. Livros eletrônicos. I. Título.
21-68634 | CDD: 869.3 | CDU: 82-3(81))

Leandra Felix da Cruz Candido - Bibliotecária - CRB-7/6135

Todos os direitos desta edição reservados à

bq Buqui Comércio de Livros Eireli.

Rua Dr Timóteo, 475 sala 102
Porto Alegre | RS | Brasil
Fone: +55 51 3508.3991
www.editorabuqui.com.br
www.facebook.com/buquistore
www.instagram.com/editorabuqui



Fechou o computador e suspirou. Escrevia tanto sobre o amor, mas sentia que nunca o tinha vivido verdadeiramente. Queria conseguir desaparecer. Seu dom que tanto amava, que a realizava por completo, que a fazia se perder na fantasia dos seus sonhos, também era o que a afastava do mundo real, o que fazia as pessoas a sua volta tornarem-se personagens com interesses diante dela.

Se pudesse voltar aquele segundo onde foi convencida por seu agente a revelar sua verdadeira identidade talvez estivesse vivendo uma vida normal.

Odiava como os homens a abordavam dizendo que poderiam ser o que ela quisesse que eles fossem. Precisava apenas ela imaginar.

Saiu a varanda da suíte no hotel Gallia, em Milão, contemplando o pôr do sol, os longos cabelos ruivos estavam soltos e se movimentavam ao vento. Estava ali a trabalho, para anunciar seu novo livro, as vendas não eram mais as mesmas na Europa, por isso, sua editora insistiu em um novo romance que se passasse ali, na tentativa de reacender o interesse dos leitores.

Na manhã seguinte visitaria a cidade de Cremona, para aprofundar sua pesquisa sobre violinos. Os instrumentos de cordas, como violinos, violas, violoncelos e contrabaixos, podem ser feitos com métodos diferentes, mas os desenvolvidos em Cremona são considerados os melhores do mundo.

Seu agente insistiu que sua pesquisa fosse feita com os violinos Stradivarius, mas Rayna não aceitou. Queria algo mais simples, um bom *luthier* local.

Recordou sua última conversa com Ethan Bertolini, seu agente:

— *Rayna, o que você quer? — Estava impaciente por perceber que os objetivos deles não eram mais os mesmos. — Ainda me lembro quando nos encontramos pela primeira vez e você disse que seguiria todas as minhas orientações sem questionar.*

— *Sim... Também me lembro, mas eu mudei, Ethan, os anos passaram e eu quero mais da vida do que só viajar, escrever, ganhar dinheiro e não ter um minuto de paz, porque meu rosto é manchete em qualquer tabloide... Estava tudo bem até você me convencer a revelar meu pseudônimo...*

— *Os tempos mudaram, Rayna, veja ao seu redor, diariamente, são revelados novos escritores, os leitores querem se conectar com os escritores, as redes sociais estão aí para diminuir essa distância. Você era notícia desatualizada.*

— *Mas não com a imagem que terminou criando para mim porque agora só querem saber sobre a mulher atrás das páginas, não é justo, você criou uma imagem minha que não é real.*

— *Suas histórias são ótimas, mas sem mídia, sem a divulgação certa, você não alcança o mundo. A editora queria mais... O que é real afinal?*

— *Você queria mais... — O interrompeu.*

— *Fica mais difícil nos mantermos no topo. Às vezes, precisamos ousar. — Viu o olhar de decepção dela. Sentia-se injustiçado por ela não reconhecer o tanto que trabalhou para que chegasse onde estava.*

— *Ethan, me escute com bastante atenção, porque eu não vou repetir... Acabou. Esse será meu último trabalho com a editora e com você... Me perdi no caminho, quero recomeçar. — Estava com os braços cruzados, olhando nos olhos dele, enquanto falava.*

— *Ingrata. Vai se arrepender por isso. Você não era ninguém quando começamos a trabalhar juntos, ninguém conhecia seus livros... Me deve isso! Rayna baixou a cabeça, respirando fundo. Ethan era temperamental e muito persuasivo quando queria ser, todas as vezes que cedeu as vontades dele, fora após rompantes como esse.*

Ela suspirou.

— *Que eu saiba você foi muito bem remunerado por tudo... Me desculpe se o decepcionei. Minha decisão está tomada.*

E ali estava ela vivendo os últimos dias da personagem que Ethan Bertolini criou, mas começando a sentir-se livre, somente por ele não estar ao seu lado, sugerindo o que vestir, o que falar, com quem falar ou marcando eventos para ela comparecer.

Voltou ao quarto, deitando-se na enorme cama. Iria apenas assistir TV e pedir sua refeição via serviço de quarto.

O telefone tocou.

— *Senhorita Nassau.*

— Sim.

— O motorista já trouxe seu carro.

— Obrigada. Por favor, deixe-o preparado para amanhã às 7h.

— Sim, senhorita. Boa noite!

— Boa noite! — Desligou.

Tinha dispensado o motorista. Iria a Cremona sozinha.



— Guido, você vem? — Pietro era seu melhor amigo.

— Estou descendo. — Estava novamente atrasado, mas dessa vez não revelaria o real motivo ao amigo.

Deixou o jornal sobre a mesa, vestiu o suspensório, apagou as luzes do escritório e saiu dobrando as mangas da camisa branca. Era a despedida de solteiro de Pietro que o esperava com mais quatro amigos em uma limusine para levá-los a uma festa privada.

A manchete do jornal era sobre a brasileira Rayna Nassau. Uma foto de seu rosto fora registrada na reportagem enquanto evitava os jornalistas ao caminhar pelas ruas de Milão.

“A jovem escritora brasileira está na Itália para pesquisas para seu novo romance. Rayna Nassau evitou falar sobre a nova história de amor, mas afirmou que espera que seus leitores possam se apaixonar por seu novo romance.

Mas a pergunta que todos nós queremos a resposta é: Como está o coração dela? Após alguns meses que rompeu seu relacionamento mais longo.”

Guido tinha lido os livros dela, até finalmente ter conseguido dar um rosto a escritora e ficar fascinado por ela. Queria conhecê-la. Tinha certeza, por experiência própria, que nem tudo que era divulgado sobre ela deveria ser verdadeiro, mas sabia que poderia ter fantasiado uma mulher em seus sonhos e se deparar com uma ilusão que nunca se transformaria em algo real.

De família tradicional, recebeu o ultimato para casar-se e constituir sua linha de sucessão, mas Guido tinha olhos somente para a brasileira Rayna Nassau. Era loucura, sabia disso, mas não estava disposto a desistir dela sem nem ao menos tentar. Seu coração estava despedaçado por essa ilusão.

Ela era linda. Os longos cabelos ruivos eram a combinação perfeita às afiladas feições e olhos azuis.

Sorriu para os amigos ao entrar na limusine. — Então, Pietro, ainda dá tempo de desistir... — Brincou feliz por ver seu amigo apaixonado.

— Quero ver quando for a sua vez. — Afirmou, se divertindo. — Já recebeu o ultimato da sua avó.

— Imaginem o maior galã da atualidade casando também. Será um desastre! — Outro amigo afirmou.

— Mas por hoje, um brinde a esse pobre noivo apaixonado. — Guido ergueu o copo homenageando o querido amigo.

Guido estava ansioso pela manhã seguinte, Rayna tinha hora marcada com o avô dele, Enrico, um *luthier* entusiasta. Após Enrico ter passado o comando da indústria de automobilismo para Guido, seu amado neto, dedicava-se desde então a algo que aprendeu com o pai e tentava ensinar ao neto.



Rayna vestiu um longo vestido floral em tons de amarelo e uma jaqueta de couro marrom por cima das alças do vestido. Colocou um lenço de seda cobrindo os cabelos e óculos escuros.

Estava entusiasmada por algo tão simples, como guiar o próprio carro rumo a Cremona. Tinha alugado um pequeno e elegante carro europeu conversível. Um clássico, um Rossi.

Cremona é uma cidade onde se respira música e fica a menos de uma hora de Milão. A capital cultural, da arte de fazer o violino, da construção de instrumentos de corda, incluída na lista de patrimônio imaterial da humanidade.

Rayna colocou a mochila com a máquina fotográfica, gravador e notebook no banco ao seu lado e deu a partida no carro, sentindo a potência do motor.

Observava as lindas paisagens que pareciam exposições poéticas de pinturas na estrada e sorriu por seu coração se encher de alegria ao imaginar os personagens do seu novo romance ali.

Estacionou do outro lado da rua ao ouvir o GPS informar que havia chegado ao seu destino. Retirou o lenço da cabeça prendendo-o em um laço na alça da mochila. Os longos cabelos estavam soltos com caimento próximo aos seios em um misto de liso com ondulado.

— Bom dia! — Sorriu, falando em inglês ao entrar, retirando os óculos escuros, os apoiando na cabeça.

Guido estava na grande mesa da oficina com uma xícara de café a espera dela e sorriu perdendo-se na imensidão dos olhos azuis.

— Posso ajudá-la? — Aproximou-se, perdido na beleza da mulher a sua frente.

— Estou à procura de Enrico Rossi. Ele está? É aqui mesmo? — Franziu a teste pensando que poderia ter errado o endereço.

— É o meu avô. É um prazer termos você aqui conosco, senhorita Nassau. — Já estava diante dela e Rayna inclinou a cabeça para olhá-lo nos olhos.

Guido era um homem charmoso, pele bronzeada, mais alto do que ela, cabelos pretos e lisos, em um corte moderno, e olhos marrons-claros amendoados, intensos e enigmáticos.

Por um instante, Rayna o admirou pensando que ele poderia ser o homem dos sonhos de um lindo romance.

Sorriu, e ela desviou o olhar, discretamente, com receio. Estava cansada de segundas intenções e Guido sabia quem ela era.

— A senhorita Nassau está aqui. — Disse ao telefone. — Ele já vai descer. Fique à vontade. Quer um café ou uma água?

— Aceito uma água. Obrigada. — Tirou a mochila das costas apoiando-a sobre a mesa.

— Meu avô está entusiasmado com sua visita. Obrigada por escolhê-lo para ajudá-la em sua pesquisa. — Entregou-lhe a garrafa d'água.

Rayna sorriu.

— Eu quem agradeço a disponibilidade e a gentileza dele comigo.

— Não quero ser indiscreto, mas posso te fazer uma pergunta? — Parou de falar ao ver o nítido incomodo dela. — Não é nada demais. — Ficou de costas para ela, colocando as mãos nos bolsos da calça, imaginando que talvez ela

poderia ser como ele, e não gostasse de ter a vida exposta pelos tabloides.

Guido usava uma calça verde-clara e uma camisa branca de mangas curtas por fora da calça, e calçava um mocassim em couro branco. Rayna observou os músculos dos braços definidos.

— Por que não foi até a família Stradivarius? Poderia fazer sua pesquisa com os melhores. — Voltou a olhá-la.

— Porque então não seria eu... — Forçou um sorriso, arrependida pelo que disse. — Me desculpe, não sei nem porque disse isso a você, mas estou cansada de as pessoas acharem que me conhecem... Não deveria acreditar em tudo que lê. — Virou de costas para ele, olhando para os quadros na parede.

Guido queria conhecê-la e estaria perdido se Rayna não o deixasse se aproximar. — Senhorita Nassau, seja bem-vinda! — Enrico sorriu para a linda jovem e abriu os braços para abraçá-la.

Ela sorriu, aceitando o abraço carinhoso dele.

— Eu quem agradeço por me receber, assim, tão em cima da hora. Obrigada.

— Então, vamos começar! — Chamou-a para se aproximar da mesa e a sentar-se junto a ele.

Guido admirou a desenvoltura do avô, enquanto ele foi cuidadosamente mantido a distância.

— A arte de fazer violino nasceu em Cremona no século XVI com Andrea Amati e continuou com os fabricantes de violino de sua própria família, com o Guarneri, e com o mais importante de todos, Antônio Stradivari, no século XVIII. — Enrico estava entusiasmado.

— Como aprendeu o ofício?

— Com meu pai, e estou tentando ensinar ao Guido, em vão...

Se aproximou, sentando-se de frente a ela e dessa vez Rayna não desviou o olhar. — O que a senhorita Nassau vai pensar sobre mim? — Sorriu. — Alguém nessa família tem que trabalhar, você passou o bastão e ainda estou tentando ser tão bom quanto você. — Olhava com admiração para o avô. — Bom... não quero atrapalhar, venho buscá-los na hora do almoço. — Disse, levantando-se.

— Senhorita Nassau...

— Me chame de Rayna, por favor. — Interrompeu Enrico.

— Então Rayna, tomei a liberdade de pedir a minha querida esposa que preparasse um almoço para recebê-la em nossa casa e não vou aceitar um não como resposta. — Sorriu.

— Divirtam-se. — Guido se despediu.

— Meu neto, Guido, é tudo que nos restou da nossa filha. — Comentou ao ficarem a sós. — Ela morreu quando ele era criança em um acidente de carro com o pai dele. Nós o criamos.

— Sinto muito.

— Obrigada. Ele é um jovem adorável, carinhoso conosco e responsável até demais. Ele cuida tanto da Helena, minha esposa, que esquece de viver a própria vida. Então...

Conversaram sobre a arte de construir violinos e Rayna não percebeu as horas passarem.

— Encerraremos por hoje, senhorita. Amanhã queria levá-la para conhecer alguns *luthiers* muito bons para que tenha outras perspectivas. O que acha?

— Eu adoraria. Obrigada.

— Vamos nos preparar, Guido deve estar chegando para nos pegar.

Ouviu uma buzina.

— Veja só, deve ser ele. Vamos. — Disse vestindo o casaco.

Quando saíram, um motorista os esperava. Abriu a porta do carro para que o senhor Enrico e ela entrassem.

— O senhor Rossi pediu desculpas, mas irá se atrasar para o almoço, senhor. Pediu para avisá-lo que a reunião se estendeu e se juntará a vocês assim que possível.

— Obrigado, Eduardo.

— O senhor Rossi também me pediu para levar o carro da senhorita até a propriedade.

— Obrigada. — Rayna percebeu que não conhecia nada sobre aquela família e que, apesar da simplicidade, tinham uma boa condição financeira.

E, logo em seguida, entendeu que “uma boa condição financeira” não era um termo apropriado ao cruzar o portão da enorme mansão.

A esposa de Enrico Rossi estava na porta para recebê-los e conhecer a escritora Rayna Nassau.

Enrico tinha um olhar apaixonado para a esposa e isso aqueceu o coração de Rayna ao vê-los juntos.

— Helena, essa é a senhorita Nassau.

— Seja bem-vinda, minha querida. Estamos contentes em tê-la aqui conosco. Obrigada por ter escolhido Enrico para ajudá-la em suas pesquisas. Fazia tempo que não o via tão entusiasmado. — Abraçou-a, verdadeiramente, com carinho.

— Vamos entrar. Cadê o Guido? Pensei que estivesse com vocês.

— Ele logo chegará.

Seguiram para o jardim da enorme mansão. A refeição seria servida ao ar livre, estava um lindo dia de sol, com céu sem nuvens.

Rayna ao sair do banheiro parou observando a manchete do jornal local que estava sobre a mesa de centro na sala.

“O CEO da indústria italiana Rossi, Guido Rossi, aproveitou a noite na despedida de solteiro de Pietro Manzini, herdeiro da joalheira Manzini.”

Então, Rayna, descobriu que eram os donos da indústria automobilística italiana Rossi.

— Acho que vai concordar comigo que não se deve acreditar em tudo que se lê. — Comentou ao vê-la lendo a manchete.

Rayna se assustou.

— Desculpe, não queria te assustar. — Guido se aproximou com as mãos nos bolsos da calça.

— Imagina... — Franziu a testa, desviando o olhar. Teve medo de que ele pensasse que tinha escolhido o avô dele para a pesquisa para se aproximar do herdeiro solteiro dos Rossi.

— Então, como foi sua manhã? — Sorriu para ela.

Rayna também sorriu ao lembrar-se de Enrico.

— Seu avô é adorável.

— Sim, ele é. — Falou com carinho.

— Hoje, mais cedo, quando perguntou por que eu não escolhi a família Stradivarius, espero que não tenha pensado ser premeditado... — Fora sincera. — Eu não sabia quem vocês eram.

— Não foi essa a intensão da minha pergunta. Me desculpe. Era mesmo por nos sentirmos lisonjeados por sua escolha. Me acompanha? — Guido a guiou para se juntarem a sua família no jardim.

— Olha só quem chegou! — Recebeu o beijo carioso do seu amado neto.

— Me desculpem pelo atraso.

— Vamos nos servir. Rayna, por favor, queremos que se sinta em casa. — Enrico disse ainda entusiasmado com a presença dela.

— Sabia que eu li todos os seus livros, quer dizer, nós... — Helena desistiu de complementar. — Adoro seus romances, querida. Estou ansiosa por esse novo lançamento.

— Obrigada. Nós? Não sabia que o senhor gostava de romances? — Perguntou a Enrico.

— Pergunte ao Guido...

— Não tem nada demais, ele lê para mim, às vezes, porque minha vista já não é mais a mesma. — Helena se antecipou, comentando.

Guido estava sentado diante dela, o charmoso olhar atento a cada detalhe da adorável mulher a sua frente.

Ela ruborizou, surpresa por ele ter lido seus romances.

— Querida, você veio a Milão acompanhada?

Rayna sorriu para ela. — Não. — Olhou em seu relógio e percebeu que as horas passaram rápido e logo iria escurecer. Precisava pegar a estrada. — Preciso ir. Está ficando tarde. Agradeço imensamente a hospitalidade. Senhor e senhora Rossi, obrigada.

— Fique mais um pouco. Eduardo pode levá-la e trazê-la amanhã cedo. Ou pode ficar hospedada aqui conosco essa noite. Como preferir.

— Vamos deixar a senhorita Nassau à vontade, ela já deve estar com a agenda comprometida.

— Guido, por que não a convida para lhe acompanhar na festa beneficente que tem hoje à noite? — Helena perguntou ao neto.

Guido olhava-a tentando decifrá-la, em vão.

— Gostaria de me acompanhar, senhorita Nassau? — Arriscou.

— Obrigada pelo convite, mas já tenho planos para essa noite. — Mentiu, forçando um sorriso. Seus planos eram não ser vista publicamente com ele e evitá-lo ao máximo, pensou.

— Posso levá-la de volta a Milão? Posso dirigir seu carro. Eduardo estará logo atrás para me trazer de volta após a festa.

— Melhor, querida. Essa estrada às vezes é traiçoeira. — Helena sorriu. — E não se deve recusar quando um cavaleiro está disposto a fazer algo por nós.

— Vamos, Rayna, quero que conheça nossa biblioteca. — Enrico se levantou segurando na mão dela.

Guido olhou para a sua cúmplice quando ficaram a sós. — Estou perdido, vó, como posso estar apaixonado por uma pessoa que mal conheço? Desde o instante que ela entrou na oficina e eu olhei nos olhos dela, soube que era ela.

— Foi assim com o seu avô, amor à primeira vista. Tão raro hoje em dia, mas vá com calma, ela vai precisar entender que é algo real.

— Como?

— Tenho certeza que irá descobrir como chegar ao coração dela, meu querido.

Uma hora depois, Rayna observava o pôr do sol da varanda do segundo andar em um raro momento que ficou

sozinha, quando Guido a encontrou vestindo um elegante terno, segurando os livros dela.

— Nos daria a honra em autografá-los? — Sorriu.

Ele estava lindo e, por um momento, Rayna se imaginou vivendo um dos seus romances.

— Autografo para quem? — Ainda surpresa por ele ter lido cada um deles.

— Se eu pedir para que autografe para mim, tenho certeza que minha avó me deserda. — Brincou.

Rayna riu, percebendo que era fácil ser espontânea ao lado dele.

— Tem certeza que não pode ir à festa comigo? — A gravata do terno estava pendurada em seu pescoço ainda por fazer o nó.

— Tenho. Estou vivendo um momento complicado e tudo que não preciso é ser vista com você publicamente.

— Essa doeu... — Colocou as mãos nos bolsos, evitando olhá-la.

— Não me interprete mal, não tem a ver com você. Cansei de toda essa exposição... Não era o que, verdadeiramente, queria para mim. Um dia, tomei uma decisão errada ao dar um rosto ao meu pseudônimo e meu agente criou uma personagem. Eu só queria escrever e, de repente, tudo saiu do controle.

— Tudo bem. — Guido se aproximou, segurando na mão dela. — Tudo bem.

— Nossa! Você tem um dom de me fazer falar. Por favor, não revele a ninguém, mas vou deixar a editora e o meu agente, mas se isso for revelado antes dos trâmites contratuais serei processada em uma multa milionária. Tenho certeza que eles preferem anunciar a minha saída.

— E você está feliz com sua decisão?

— Sim. Estarei *freelance* depois disso, mas preciso desse tempo para mim.

— Quando vai embora? — Guido precisava saber.

— Em dois dias. — Movimentou a cabeça confirmando também para si.

— E se eu pedir para passar o dia amanhã comigo, o que acha? Prometo que podemos ser discretos e evitarmos a imprensa. — Ainda segurava em sua mão.

Rayna olhava para o gesto.

— Não sei se será uma boa ideia.

— Me desculpe. — Guido se antecipou.

— Pelo quê?

— Por isso... — Segurou com as duas mãos o rosto dela e a beijou.

O coração dela disparou como se fosse uma de suas personagens.

— Por favor, não me julgue. — Sussurrou ainda segurando o rosto dela.

Rayna deu um passo para trás.

— Desejava beijá-la há muito tempo. — Revelou.

— Eu não sou uma personagem dos meus livros, Guido... Não sou, nem de longe, a mulher que você possa ter visto em qualquer manchete.

— Quero conhecer a mulher que está diante de mim. A que estava na oficina hoje mais cedo sendo gentil e atenciosa com meu avô, a que almoçou conosco, a que a minha avó adorou... Eu quero conhecer a mulher sensível que fala sobre o amor em seus livros. Eu só quero uma chance para conhecê-la e mostrar a você algo real.

— Aí estão vocês! — Helena os encontrou. — Rayna, sabe fazer nó de gravata? — Perguntou ao olhar para o neto.

— Sim. — Confirmou para ela sem entender o porquê.

— Ótimo. Então ajude meu neto, por favor. — Tinha um olhar gentil para Rayna enquanto falava. — Já volto.

Rayna olhava-o ainda surpresa com o pedido da avó e aproximou-se, segurando nas duas extremidades da gravata.

— Tenho certeza de que sabe dar o nó na própria gravata. Por que ela me pediria isso?

Guido sorriu. — Ela é minha cúmplice. — Segurou na mão dela quando Rayna terminou com a gravata, já desejando sentir o gosto dos lábios dela outra vez.

Os avós foram até a porta para se despedirem.

— Lhe espero amanhã. — Enrico a abraçou.

Helena também abraçou-a. — Adorei conhecê-la.

— Também adorei conhecê-los. Muito obrigada pelo carinho. — Se emocionou.

Guido abriu a porta de trás do carro para ela entrar.

— E meu carro?

— Amanhã vou buscá-la, então você leva seu carro. — Queria ter certeza de que ela voltaria no dia seguinte.

Sentou-se ao lado dela e Eduardo guiou o veículo até Milão.

Guido ousou segurar a mão de Rayna ao longo do caminho e ela aceitou a mão dele junto a sua.

— A que horas combinou com meu avô?

— Às 8h.

— Estarei aqui a sua espera.

— Então, até amanhã.

Se olhavam.



Rayna entrou em sua suíte pensando em Guido Rossi e no dia adorável e surpreendente que teve com ele e sua família, quando observou sobre a cama uma caixa e um cartão. Eram de Ethan.

“Uma última ação publicitária, precisamos que compareça à festa privé no Clube Armani.”

Armani Privé é o clube mais exclusivo da cidade, fica dentro do imenso prédio da grife Armani, que conta ainda com um hotel, livraria, café, restaurante e uma grande loja da marca.

“Representantes das principais editoras parceiras na Europa esperam você. Seja profissional e não me decepcione.”

Tentou ligar para o celular de Ethan, mas caiu na caixa postal. Tinha certeza de que ele havia desligado, propositalmente, para ela não ter como recusar.

— Você fez de novo, Ethan!

Retirou o vestido da caixa. Era lindo, um longo preto, elegante e sensual. O decote descia até o final das costas. E lá estava ela tendo que se vestir no papel da mulher sensual outra vez.

Fechou os olhos, suspirando, extravasando a frustração.

Um carro esperava para levá-la e deixou-a na porta do clube. Seu nome estava na lista e passou na frente de todos que estavam na fila para entrar.

Obviamente, havia repórteres fora do clube para cobrir o evento.

— Rayna Nassau, olha para cá!

— Rayna! — Um paparazzo gritou.

Ela entrou, ignorando-os. Estava cansada disso.

Rayna não imaginava como a noite poderia ficar pior até ver seu ex. Ethan Bertolini tinha preparado uma pequena vingança.

Eric ainda estava descontente com o término do relacionamento. E Rayna vinha evitando reencontrá-lo. Ela não queria mais uma manchete falando sobre o conturbado relacionamento deles. Eric revelou-se possessivo e ciumento, e Rayna não aguentou. Começou a fantasiar que os casais que ela criava em suas histórias eram relacionamentos que tinha vivido. Não conseguindo imaginar como pareciam tão reais, como ela conseguia escrever e descrever tão bem.



— Guido, você vai a Armani Privé depois daqui? — Pietro perguntou mostrando o Instagram do paparazzo mais indiscreto de Milão.

Guido viu a foto de Rayna chegando ao clube. Tinha uma fotografia dela virando para olhá-los e outra levantando o braço e usando a bolsa que segurava na mão para esconder o rosto.

O destaque da manchete era que finalmente a brasileira Rayna Nassau reencontraria o ex.

— Se quiser, meu amigo, eu te acompanho. — Pietro sabia o quanto Guido estava empolgado por tê-la conhecido.

— Não sei se devo.

— Se realmente gosta dela, vá até lá. Ela pode estar em apuros. Infelizmente, conhecemos o teor das notícias desse paparazzo.

Meia hora depois, Guido e Pietro chegaram ao clube. Embora seus nomes não estivessem na lista, todos os conheciam e eles entraram.

Guido procurava discretamente por Rayna, quando a viu conversando com algumas pessoas. Tinha um olhar distante, lhe pareceu desconfortável, bem diferente das feições descontraídas e relaxadas que decorou ao longo do dia.

Rayna se afastou do grupo e foi até o bar, pedindo ao garçom uma dose de uísque, bebendo todo o líquido de uma única vez.

— Outra, por favor. — Disse colocando o pequeno copo sobre a bancada.

O barman colocou outra dose para ela.

— Também quero uma dose. — Guido disse observando o sensual vestido da linda ruiva.

Rayna virou reconhecendo a aquela voz.

Olharam-se em silêncio por alguns segundos.

— Te encontrei através do Instagram de um paparazzo. — Bebeu sua dose de uísque.

— E a manchete? — Perguntou, bebendo sua segunda dose.

— Algo sobre um reencontro romântico com o ex. — Guido desviou o olhar, por estar navegando por um caminho desconhecido, talvez ela estivesse vindo mesmo reencontrá-lo ou ela poderia achar que ele estivesse invadindo sua privacidade ou perseguindo-a.

— Me ajuda a sair daqui, por favor.

Guido falou com o barman e colocou no bolso da camisa dele uma generosa gorjeta. Em seguida, enviou uma mensagem no celular. O barman ajudou-os a sair pelos fundos do clube. Eduardo já esperava por eles.

Pietro tinha deixado o clube, logo após encorajar o amigo a ir falar com ela no bar.

Guido olhava-a, e Rayna discretamente enxugava algumas lágrimas.

— Quer voltar para o hotel?

— Não... Eric se hospedou no mesmo hotel. Estou com tanta raiva do Ethan! Ele armou isso para mim.

— Seria possível você confiar em mim? — A voz dele era convidativamente sedutora.

Rayna olhava-o, decidindo o que responder, pois tudo nele a atraía. Então, viu Eduardo parar o carro na porta de um jato executivo no aeroporto.

Voltou a olhar para Guido com uma expressão de surpresa esperando-o falar. — Pensei em irmos à praia. Assim você tem o tempo que precisa para organizar suas ideias e voltamos à noite. O que acha? — Estendeu a mão para ela, aguardando por uma resposta positiva.

— Não estou pronta para me envolver. Realmente, preciso de um tempo só para mim.

— Posso garantir que não vou deixar ninguém se aproximar de você. — Brincou, sorrindo.

Rayna também sorriu e soube que estava perdida quando segurou a mão de Guido, embarcando com ele.

— Acho que a sua vida não é tão fácil como as aparências.

Apenas concordou com a cabeça.

— Está com fome?

— Sim, e cansada também.

— Senhor Rossi, senhora. — Um comissário de bordo serviu uma salada de entrada.

— Obrigado, Júlio.

— Sua preferência, senhora, carne ou peixe como prato principal?

— Peixe. Obrigada.

Não perguntou a preferência dele por já conhecer.

Eles comeram e Rayna dormiu o restante do voo.

— Chegamos. — Sussurrou em seu ouvido.

O casaco do terno dele estava sobre ela, aquecendo-a.

— Chegamos aonde?

— Em St. Tropez.

— St. Tropez, na França?

— Tenho um iate aqui. Espero que não se importe em ficarmos nele.

— Mas eu não trouxe roupa.

— Já providenciei que deixassem algumas opções para você escolher. Vamos.

Um carro já esperava-os para levá-los ao iate.

Guido acompanhou-a até a porta da cabine principal onde ela ficaria.

— Obrigada. — Disse segurando na mão dele.

— Boa noite... E, por favor, entre logo nesse quarto. — Brincou para que ela soubesse o quanto a desejava.

Rayna também o desejava tanto quanto Guido a queria e não soltou sua mão.

Guido aproximou-se dela e dessa vez foi Rayna quem o beijou, incendiando-o.

Entraram no quarto abraçados, o beijo era convidativo, quando Guido o interrompeu para olhá-la, mas ela voltou a beijá-lo e Guido a conduziu próximo a cama.

Rayna abriu cada botão da camisa dele, deixando à mostra o peitoral e abdômen definidos, deslizou as mãos admirando-o, antes de tirar o próprio vestido.

Guido olhava-a.

— Você é tão linda.

E ele dedicou-se com prazer para mostrar o quanto a desejava.



Quando acordou, Guido ainda dormia. O braço sobre ela, mantendo-a bem próxima. Não tinha como se movimentar sem acordá-lo.

Então, ele abriu os olhos e a viu, afirmando para si que não tinha sido um sonho.

Os olhos azuis observavam cada detalhe dele.

— Sou fascinado por você. — Revelou.

Ela franziu a testa.

— Você acredita?

Continuou olhando para ele em silêncio.

— Eu tenho expectativas quanto a nós dois. — Afir-
mou para ela.

Rayna movimentou a cabeça discordando. — Me desculpa.

Beijou os lábios dela. — Seria possível... — Sorriu, apoiando a cabeça no braço. — Uma despedida, talvez.

Não conseguiu segurar o riso. Ele era incrivelmente sedutor. — Esperto você. — Mas o sexo tinha sido tão incrível que também já desejava estar nos braços dele outra vez.

Então, ela o beijou, as mãos segurando o rosto dele e Guido se sentiu livre para amá-la outra vez. Rayna não conseguia imaginar como poderia ser possível ele superar a noite anterior, mas Guido conseguiu prolongar o prazer dela ao máximo, tornando-os completamente conectados com a intimidade.

A manhã tinha se passado, quando, finalmente, saíram da cabine para um *brunch*.

— Me fala sobre sua família? — Queria saber mais sobre ela.

— Eles também moram em São Paulo. Somos uma família que apoiamos uns aos outros.

— Tem irmãos?

— Três irmãos. Sou a única menina. Todos estão casados e tenho muitos sobrinhos e sobrinhas que amo de paixão.

— E você quer ter filhos?

Movimentou a cabeça confirmando, sorrindo para ele.
— E você?

— Quero ter uma família grande, porque não gosto de ser sozinho. — Não o incomodava falar sobre isso.

Recordou que Enrico comentou com ela sobre a morte prematura dos pais dele e se emocionou.

— Sinto muito pelos seus pais. Seu avô me contou.

— Eles foram ótimos comigo. — Sorriu ao recordar todo o amor que recebia dos avós.

Olhava-o, ainda emocionada.

— Enfim... A dona Helena já me deu um ultimato para que eu conhecesse alguém que realmente valesse a pena para casar e dar a ela os bisnetos que tanto deseja.

Rayna pensou que, quem quer que seja, essa mulher terá sorte.

Guido abraçou-a e beijou-a, mostrando que já estava pronto para amá-la outra vez.

— O que eu estou fazendo com você? — Perguntou a ele sem esperar uma resposta, sentindo os braços dele envolvendo-a em um abraço carinhoso.

Guido era um amante quente que a incendiou. Nunca tinha se deixado ser amada com tanta liberdade e intimidade por um homem antes. E lá estava ela, mais uma vez, entregue aos prazeres que ele ousava lhe proporcionar.

— Precisa acordar, meu amor. Temos que ir. — Susurrou para ela.

Rayna abriu os olhos e o viu sentado ao seu lado, vestindo uma calça jeans, ainda sem camisa e os cabelos penteados.

— O carro já está a nossa espera para nos levar ao aeroporto. Você tem mesmo que ir?

— Sim. — Levantou-se.

Duas horas depois embarcavam em um voo de volta a Milão. Deitados um ao lado do outro em poltronas cem por cento reclináveis. Rayna com a cabeça apoiada no peitoral dele, os olhos fechados, sentindo sua presença, e Guido só pensava que a queria para sempre ao seu lado.

— Quando vamos nos ver de novo?

Ela não sabia o que responder. Não pensou sobre isso.

— É real. — Afirmou ao deixá-la no hotel, finalmente, entendendo que Rayna precisava de espaço.

Beijou-o uma última vez, ainda embriagada por todo o prazer que sentiu com ele, reconhecendo que, de alguma forma, o que viveu com Guido fortaleceu sua autoconfiança.

— Agradeça mais uma vez seus avós por mim. Adorei conhecê-los. Eles são especiais.

— E te adoraram.

— Guido, por favor...

— Tudo bem, ruiva. Se cuida! — Desviou o olhar não querendo vê-la partir.

Deu a ela seu próprio romance, algo real, mas Rayna estava com tanto medo de se magoar que não se permitiu acreditar, e estava ciente que não queria mais ficar diante das câmeras, e a incomodava ele ser uma figura pública.



“A escritora Rayna Nassau, logo após publicar seu novo romance, chegou a um acordo com a editora e seu agente cancelando o contrato. A relações públicas da escritora informou que essa decisão já vinha sendo negociada e Nassau pretende tirar um longo período de férias.”

— Logo a esquecerão. — Seu irmão comentou, colocando a revista sobre a mesa de centro.

— Espero que sim... — Tinha receio que não acontecesse.

— Certeza. Não estará mais em grandes eventos sendo vista e fotografada, vão perder o interesse por você. Vai voltar a ser somente nossa irmãzinha. Que chato! — Brincou.

Rayna riu.

— E o estrangeiro? Te procurou?

Tinha uma boa relação de confidências com seu irmão mais velho, Bruno.

— Não sei porque te contei essa história. Não me procurou.

— Também não a procuraria. — Se protegeu de uma almofada que ela jogou nele. — Aí! — Brincou. — Você quem tem que ir até ele. Foi você quem disse que estaria fechada para balanço.

— Seu grosso! — Torceu o nariz para ele. — Claro que não vou atrás dele. A empolgação dele por mim já deve ter esfriado. Foi maravilhoso estar com ele, mas foi apenas uma linda fantasia.

— Que inclusive não consegue tirar da cabeça. — Interrompeu-a, complementando.

— Isso! Pronto, admiti. Satisfeito?

— E se era algo real?

— Ele afirmou, algumas vezes, que era, mas não acreditei. Não dava para acreditar.

— Por que não? Olha para você!

— Isso mesmo, eu!

— É linda, inteligente, gostosa... Estou analisando como homem, embora eu não goste do fato porque é minha irmã. Bem-sucedida, independente, só se.... — Fez uma pausa para brincar com ela.

— O quê?

— Só se ele preferir as mulheres que não vão para a cama com cara na primeira noite.

— Droga, não resisti... Me sinto envergonhada por isso. — Brincou com o irmão.

Bruno riu.

Ouviram o som da campainha na porta principal da casa.

Rayna levantou-se para atender. — Estamos esperando alguém? Pensei que dessa vez seria somente nós. — Se referia aos pais, irmãos, cunhadas e sobrinhos.

Estavam na casa dos pais para o almoço de domingo.

— Acho que temos um convidado de última hora. — Bruno estava logo atrás dela.

Rayna abriu a porta e não acreditou que Guido Rossi estava parado a sua frente.

— Não vai convidá-lo para entrar? — Bruno se antecipou ao vê-la sem reação.

— Como? — Estava surpresa.

Guido entrou e beijou-a no rosto.

— Muito prazer. — Esticou a mão para um aperto de mãos, mas o irmão dela abraçou-o.

— Bem-vindo a nossa casa. Quer dizer, a casa dos nossos pais. — Bruno sorriu pelo inglês pouco praticado.

Rayna tinha comentado com ele que Guido não falava português.

— Você sabia? — Perguntou ao irmão.

Bruno movimentou a cabeça confirmando, sorrindo.

— Ele entrou em contato com suas relações públicas, minha adorada esposa, e então, ele queria te ver. Nossos pais estão ansiosos para conhecê-lo.

Abraçou e beijou o irmão.

— Fiquem à vontade. Aviso que vocês vão em seguida. — Bruno falou em inglês para que Guido também compreendesse.

Guido estava diante dela e colocou as mãos nos bolsos da bermuda para conter o impulso de beijá-la e não a deixar sair mais dos seus braços.

— Olá, minha ruiva! — Foram três longos meses para ele.

Ela sorriu acolhedormente, cruzando os braços tentando acalmar o coração. Não conseguiu esquecê-lo nem por um segundo e estava surpresa por ele também não.

— Acho que te dei espaço demais. — Aproximou-se mais um pouco esperando que fosse recíproco.

Sentiu os braços fortes envolverem-na. Em seguida, Guido afastou-se para olhá-la e beijou-a saudosamente.

— Não acredito que você está aqui. — Fechou os olhos sentindo mais uma vez o delicioso gosto dos lábios dele.

Beijou-lhe a testa ainda abraçado a ela. Rayna estendeu a mão para ele e Guido a segurou, sorrindo.

A casa dos pais dela não era uma mansão como a dele, mas era aconchegante.

As crianças brincavam na piscina e Rayna entrou de mãos dadas com ele, guiando-o até a grande mesa na varanda para apresentá-lo à família.

Alguns não falavam inglês.

— Essa é minha mãe, Bete, e meu pai, Arthur.

Os pais dela aproximaram-se para cumprimentá-lo. Bete e Arthur abraçaram-no.

Bruno tinha antecipado aos pais que Rayna estava apaixonada e Guido Rossi também sentia o mesmo por ela e tinha feito questão de vir ao Brasil para conhecer a família dela.

— Seja bem-vindo a nossa família. — Arthur falou em inglês e a esposa movimentou a cabeça confirmando.

— Guido, esses são meus irmãos: Bruno, Beto e Tadeu. — Apontava indicando cada um.

— Você é um homem de coragem em vir até aqui para levar a princesinha do papai. — Tadeu brincou.

Rayna movimentou a cabeça envergonhada e Guido sorriu.

— Essas são minhas cunhadas: Amanda, Sara e Alice.

Rayna, ao ver o olhar delas, entendeu que Guido estava aprovado.

— Valeu a pena esperar, cunhada. — Sara brincou.

Os irmãos dela eram tão belos como ela, genética da família, mas as cunhadas não deixaram de reconhecer que Guido Rossi parecia ter saído de um catálogo de revista.

Eram uma família grande, expansiva e alegre, e Guido sentiu-se acolhido.

Bruno pegou a irmã no colo e pulou com ela na piscina, enquanto Rayna protestava, mas fizeram a alegria das crianças.

— Hora de ser feliz. — O irmão afirmou a ela.

Rayna tirou a entrada de banho que vestia como uma longa saia, ficando apenas com o maiô preto.

Guido estava confortável em estar ali, feliz em conhecer as pessoas que, verdadeiramente, eram importantes para ela e poder fazer parte daquele momento.

Saíram ao pôr do sol. Fez ele dispensar o motorista e levou-o para conhecer seu apartamento.

— Como estão seus avós? — Perguntou enquanto dirigia.

— Estão bem. Minha avó já está lendo seu novo livro. — Sorriu.

Também sorriu ao olhá-lo.

— Minha família gostou de você. — Queria que ele soubesse.

— Me senti bem em conhecê-los.



— Bem-vindo! — Disse ao abrir a porta do apartamento para entrarem, mas Guido tinha somente olhos para ela.

Rayna beijou-o e, algumas vezes, um ou outro interrompia o beijo para se olharem. Não tinham pressa.

As peças de roupas foram jogadas ao chão, uma a uma. Amaram-se ali mesmo no sofá, e Rayna se perdeu na luxúria que era estar nos braços dele.

— Eu te amo, minha ruiva.

O coração dela estava acelerado e admitiu para si que por ele, valeria a pena continuar a conviver com os paparazzi. Guido Rossi era uma figura pública na Itália e ficar com ele era aceitar essa exposição também.

— Não vou voltar para a Itália sem você. — Acariciava o rosto dela. — Casa comigo?

Rayna beijou-o, tendo a certeza que também amava-o.

— Também amo você. — Movimentou a cabeça confirmando, emocionada.



www.escritorarenatamelo.com.br

 [escritora_renata_melo](https://www.instagram.com/escritora_renata_melo)

 [escritorarenatamelo](https://www.facebook.com/escritorarenatamelo)

buqui

www.editorabuqui.com.br